



## O BENFEITOR DE SANTA CLARA

DECIO ZYLBERSZTAJN

*Vestido vermelho:* Solange pisava leve. Cuidava para que seu passo não fizesse ruído, não movesse uma pedra do lugar nem uma folha que estivesse caída na calçada. Só não conseguia passar anonimamente pela frente do bar de onde era observada, de cima para baixo e de dentro para fora, pelos três frequentadores habituais. Conheciam cada um dos vestidos, por ela alinhavados e cosidos, desenhados para cobrir suas pernas e deixando apenas os tornozelos à mostra.

— Vinte e oito, ou talvez trinta — palpitava um, enquanto o outro argumentava:

— Que trinta o quê! Deve ter mais de quarenta!

O terceiro só observava, guardando para si os comentários. Naquela manhã, o ritual se repetiu segundo o protocolo. Os copos de cachaça foram largados sobre o balcão e fez-se silêncio quando Solange passou pela calçada do outro lado da rua, a caminho da loja de roupas femininas. Morena, cheia de carnes, mas com os tornozelos finos. O corpo insistia em marcar os modelos mais recatados, para alegria da audiência.

Solange entrou na loja, de onde saiu acompanhada pela balconista. Olharam a vitrine e ela apontou para o vestido vermelho com uma rosa azul aplicada na altura dos quadris. Entrou na loja, permaneceu por algum tempo e saiu fazendo o caminho de volta. Ao passar em frente ao bar, o alto-falante postado na torre da igreja anunciou a morte de um cidadão. Os três observadores tiraram os respectivos chapéus da cabeça e os levaram ao peito em um rápido sinal de respeito, que durou apenas até a passagem de Solange. Os copos foram novamente deixados sobre o balcão, enquanto os pensamentos fluíram livres e impunes.

Passados três dias, no mesmo horário, quando o sol ainda não tivera tempo de esquentar as pedras da rua, Solange voltou a desfilar diante dos três copos depositados sobre o balcão já com cachaça pela metade, enquanto ela seguiu com o passo recatado, saia preta a cobrir-lhe as pernas e andando como de costume, a furta-passo. Entrou na loja, permaneceu por quinze minutos e fez, sorrindo, o trajeto oposto, abraçada a um pacote volumoso. Os copos se agitaram nas mãos dos três senhores quando Solange passou a caminho de casa. O andar mudou de estilo, agora fazia um movimento ritmado, os pés se cruzando como que desfilando em uma passarela. Nos lábios, um sorriso. O vestido negro, o mesmo de todos os dias, parecia ainda menor do que de costume. Ao passar, Solange olhou para dentro do bar surpreendendo os três cidadãos. Como crianças pegadas com a mão na botija, tentaram, sem sucesso, dissimular que a estavam a observar



e tiraram o chapéu em cumprimento. Assim que Solange ultrapassou os limites do bar, os três viraram a cachaça goela adentro.

\*

*Subindo a serra:* O carro cruzou a estrada e subiu a serra em direção à cidade de Santa Clara. O caminho de chão e a secura de julho faziam a poeira flutuar por instantes antes de deitar no leito da estrada. Ao volante, doutor Ivo repetia as operações executadas mensalmente desde que iniciou o atendimento ao povo da cidadezinha encravada nas montanhas de Minas Gerais.

Tudo começou quando o recém-formado cirurgião dentista retornou a Piranguinho, sua cidade natal, onde plantou um consultório, com incisiva e condicional ajuda paterna. Fazendeiro de muitas reses, seu Otaviano, pai do doutor Ivo, garantiu-lhe um mais do que digno início de profissão. O filho logo percebeu a dependência implicada no arranjo, mas não manifestou insatisfação, preferiu o conforto passivo ao enfrentamento com o velho Otaviano. Tudo indicava um futuro promissor para o profissional liberal, também herdeiro de algumas fazendas de leite e café.

O relacionamento com Santa Clara foi mero acaso. Um dos raros amigos da época da faculdade o convidou a passar alguns dias em uma sitioca ao pé da serra da Mantiqueira, de onde se podia avistar o vale do rio Sapucaí, encoberto pelas nuvens baixas do inverno. Assim conheceu Santa Clara, a cidade onde resolveu colocar um consultório para atender a população carente, o que lhe reforçava a reputação nas cidadezinhas do vale.

Mãos postas na direção, Ivo lembrou os anos passados no prédio da Rua Três Rios, onde funcionava a Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo. “Por onde andariam os meus colegas da república de estudantes, com quem dividi aqueles anos de juventude e boemia paulistana, todos com as mesmas raízes em Minas Gerais?”

Ivo foi estudante de comportamento recatado, que fazia contraponto aos colegas, assíduos frequentadores da zona de meretrício barato das ruas Aurora, dos Gusmões e dos Andradas. Optou pela vida regrada dos estudos, um vestígio da herança paterna para quem a honra residia em vencer e chegar à frente. O velho não admitia farras, nem desperdícios, fosse de tempo ou de dinheiro. Era um resquício da infância do seu pai, filho de imigrantes italianos que vieram cultivar café, primeiro como empregados e depois como proprietários de uma pequena fazenda de leite e café em Minas Gerais. A fazendola cresceu e se multiplicou em várias propriedades produtivas.



O recolhimento, quase monástico, não fez Ivo tornar-se um aluno brilhante. Pelo contrário, ele passava mediocrementemente pelos exames. Sem o brilhantismo acadêmico e sem o convívio boêmio, seu isolamento forjou uma pessoa de poucos amigos. Para Ivo, São Paulo significava a libertação do jugo familiar, ao qual voltaria por vontade própria anos mais tarde. Por outro lado, a cidade oferecia um ambiente de chumbo, com tanques militares a circular pelas ruas e com o desaparecimento de colegas ativos no movimento estudantil.

De nada adiantou a fuga de Minas Gerais. Ivo substituiu o cabresto doméstico pelas rédeas da ditadura. Acomodou-se conivente ao paternalismo que se cristalizou no país. Sem a liberdade e a autonomia desejadas, concluiu os estudos. Perdida a doce vida do interior, onde conjugava o assédio das meninas casadouras com a experiência na casa de Anita, respeitável senhora que dirigia o prostíbulo com o esmero necessário para torná-lo protegido dos males do mundo, o que lhe restava era enfrentar a vida profissional. Cuidaria de dentes, bocas, maxilares, faria profilaxias, trataria as periodontias e faria milhares de obturações e próteses.

Homem maduro, herdou as fazendas e as contas bancárias do pai, que só depois de morto parou de fazer exigências. Agora, Ivo dirigia pela estrada de terra batida serra acima, anos depois de ter se formado cirurgião dentista e de ter como paraninfo um ministro militar que anunciou um discurso de três horas, pregando as maravilhas e milagres que os brasileiros estavam a construir. O ministro militar pregara em alto tom:

— Nunca antes na história deste país fomos tão felizes. A renda dos brasileiros e a demanda pelos serviços médico-odontológicos aumentarão e vocês terão o futuro garantido com noventa milhões de bocas para cuidar. — Ivo lembrou-se dos aplausos que se seguiram.

Décadas mais tarde, Ivo estava na estrada tal como fazia todas as últimas sextas-feiras de cada mês. O benevolente doutor com quem todos simpatizavam recebeu uma homenagem da Câmara de Vereadores de Santa Clara. A regularidade com a qual mantinha a atividade surpreendia os moradores, que se maravilhavam com isso. Chovesse ou fizesse sol, lá estava o doutor tratando das bocas da comunidade a preços simbólicos, na maioria das vezes apenas um agradecimento. Ivo conhecia o dia a dia miserável do povo santa-clarense tanto ou mais do que o pároco. Na festa anual da cidade recebeu um diploma de gratidão pelos serviços prestados à comunidade e agora era distinguido com o título de Cidadão Honorário, pela primeira vez atribuído pela Câmara dos Vereadores.

Bastava subir a serra para que doutor Ivo deixasse a mediocridade e caminhasse em direção à glória.



*Afrodite*: Quando o carro fez a última curva e embicou na entrada da cidade, o sino da igreja dobrou cinco vezes. “O sol se deita cedo nesta época do ano, por trás dos pinheirais que resistiram ao assalto da serraria devoradora de matas”, pensou doutor Ivo, que muito à vontade dirigiu pela cidade com o propósito de ser reconhecido pelos habitantes da pequena Santa Clara. No caminho, parou o carro ao encontrar seu Zé da Neca e logo foi avisando que tinha trazido a prótese, pronta para ser provada. Gritou sem sair do carro:

— Passe pelo consultório antes das oito horas, não se esqueça, marque com a Carmem.

Subiu a ladeira na direção da praça da Igreja Matriz. Procurou que procurou, mas não encontrou sinal da estátua de Afrodite. “Parece que tiraram a Afrodite do local que ocupava bem no centro da praça.” Lembrou-se de ter encomendado a escultura a um artista amigo, com a intenção de doar para a cidade. Sugerira os detalhes da obra. Quis que os cabelos fossem longos até a cintura, os braços levantados, um véu transparente deveria cobrir-lhe um seio e cair ao longo do corpo até cobrir parte dos pelos pubianos, e tinha feito questão de certo exagero calipígio. Queria que a escultura transpirasse luxúria e sensualidade. O artista conseguiu o objetivo, mas onde estaria a sua Afrodite?

Estacionou o carro ao lado da Igreja da Matriz e seguiu na direção da casa paroquial, onde encontrou o padre Lucas, jovem pároco recém-chegado à cidade.

— Olá, padre! Como vão os serviços para o povo desta paróquia?

— Bem, meu filho, muito trabalho e poucos recursos. Talvez o senhor possa fazer uma doação. — Ivo aproveitou a resposta para indagar sobre o paradeiro da estátua.

— Doações eu tenho feito. Por exemplo, eu doe uma escultura de Afrodite para a cidade. O senhor teria, porventura, alguma ideia sobre o paradeiro da estátua que ficava ali no centro da praça? — O pároco olhou para o vazio que ficou no lugar da escultura e respondeu:

— Meu filho, o povo anda dizendo que o prefeito desgostou da estátua porque mostrava os seios de uma deusa pagã. Aqui entre nós — falou se achegando ao pé do ouvido do doutor Ivo —, andaram falando e dizendo que o prefeito mamava nas tetas do governo e que o povo até apelidou a estátua com o nome da sua mulher.



Doutor Ivo fez que entendeu, despediu-se do padre e seguiu na direção da Prefeitura à procura de Carmem, filha de dona Antônia, que cuidava do posto telefônico. Entrou na pequena sala sem se anunciar. Carmem em sobressalto escondeu o livro que tinha nas mãos sob a escrivaninha e cumprimentou o doutor, que lhe pediu que telefonasse para cada um dos pacientes agendados. Carmem prometeu fazer os telefonemas imediatamente. Ao sair, Ivo topou com o prefeito, que o abraçou com tapas nas costas, como velhos amigos. O doutor, ainda resabiado, aproveitou para perguntar:

— Prefeito, que mal lhe pergunte, o senhor tem ideia do paradeiro da estátua de Afrodite, aquela que eu doei para a municipalidade?

— Estátua? Ah, sim, a estátua. Pois não é que tiraram do lugar? Ouvi dizer que foi coisa do padre, que acha que aquilo nada tem a ver com a fé do povo daqui. O povo anda falando que o padre acha que a estátua é pornográfica. Acho que foi ele quem mandou tirar a dita cuja da praça. Posso mandar averiguar, abrir uma sindicância administrativa, se o senhor julgar necessário...

As chaminés e os telhados das casas formavam um cenário bucólico que se somava aos aromas da lenha queimada nos fogões funcionando a pleno fogo. O estômago do doutor Ivo reclamava pela refeição a ser servida por dona Antônia, cuja casa, no quarto dos fundos, abrigava o consultório dentário. Por alojar o consultório, dona Antônia desfrutava de certo status com a comunidade local, além de cuidados odontológicos gratuitos, e Carmem ainda faturava uns trocados fazendo bicos para o doutor.

Ivo parou o automóvel defronte da pequena casa e desembarcou. Esticou as pernas e entrou na casa chamando por dona Antônia, que correu para cumprimentá-lo.

— Dona Antônia, o que aconteceu com a estátua da praça?

— Eu não sei, mas sei o que andam falando por aí. Alguns acham que foi bom o sumiço da mulher com as tetas de fora, bunda grande e com cara de sem-vergonha. Alguns começaram a falar que o prefeito mama nas tetas do orçamento e deram o nome da primeira-dama para a escultura. Outros acharam um atentado contra a memória da cidade. Cada um diz uma coisa, sei lá. Só sei é que fiz uma comidinha para o senhor ganhar sustância antes de começar a trabalhar. Vamos nos sentar à mesa?

“Mas onde foi parar Afrodite?”, pensou Ivo enquanto vistoriava o consultório, antes de tomar assento para o jantar.



*O consultório:* Doutor Ivo inspecionou o consultório preocupado com a assepsia do lugar. A cadeira de dentista era de ferro fundido e datava de 1940, mais lembrava uma cadeira de barbeiro. O encosto estofado tinha o couro desgastado pelo uso, o espaldar com dois ajustes para o conforto dos pacientes. Para a cabeça, dois apoios à semelhança de um par de fones de ouvido, porém mais justos. O descanso para os braços era de madeira. À direita do paciente ficava uma pequena mesa de comando com botões redondos e indicadores com ponteiros que algum dia se moveram, permitindo o controle do funcionamento do equipamento. No lugar das brocas, buracos. Alguns botões inativos e interruptores engripados completavam a configuração do que fora um painel de comando. Um braço vertical segurava uma lâmpada incandescente, sem qualquer anteparo para proteger os olhos dos pacientes. Um segundo braço terminava em uma plataforma para o repouso dos instrumentos. O terceiro braço apoiava um recipiente de plástico redondo, que fazia às vezes de uma cuspeira alimentada por uma mangueira fina acochada a uma torneira que gotejava continuamente. Sobre a pia, uma lamparina acesa aquecia uma vasilha de metal com água para esterilizar os instrumentos.

Havia duas tomadas improvisadas na parede e uma janela basculante de ferro que emoldurava os vidros foscos. A janela revelava a imagem borrada das pessoas que estavam do lado de fora. Se aberta, permitia avistar a horta e o pomar, onde se destacava a copa de um generoso limoeiro que nascia no quintal vizinho e teimava em frutificar para o lado de cá do muro. Duas mesas de fórmica completavam a mobília, mais um sofá-cama que servia para o repouso do dedicado doutor e uma mesa de apoio para Carmem, filha de dona Antônia, que organizava as fichas dos pacientes.

Ivo verificava se os equipamentos estavam prontos para o uso quando ouviu o chamado de dona Antônia:

— Doutor Ivo, a mesa da refeição está posta.

*Os pacientes:* Os pacientes atendiam ao chamado de Carmem. Chegavam aos poucos na frente da casa de dona Antônia. Carmem ajudava a organizar uma fila que começava no corredor externo que ladeava a casa e seguia pela rua. Alguns pacientes vinham de longe, das fazendas de difícil acesso na região, na maioria eram pessoas simples para quem o doutor Ivo significava a única assistência de saúde. Não se importavam com a qualidade do trabalho, nem com as condições dos equipamentos, queriam mais era encontrar o doutor. A condição dos equipamentos permitia, se tanto, fazer extrações e obturações superficiais. As próteses, doutor Ivo mandava fazer em outra cidade, quando os pacientes podiam arcar com o custo. Não havia uma broca manual funcionando que permitisse fazer restaurações. Ele sabia que nada substituíria o alívio trazido pelo alicate para quem sofria com as dores de dente. Extrações, era o que mais fazia. O início dos trabalhos



ocorria logo após a refeição. As fichas estariam todas preparadas e ordenadas por obra de Carmem. Chegando ao posto, Ivo perguntou em ritual previsível:

— Tudo certo com as fichas?

— Como sempre, doutor — respondeu Carmem.

— Quantos pacientes temos hoje?

— Temos seis. Não sei se o senhor vai ter tempo para atendê-los.

— Tempo se arranja. Carmem, fale os nomes deles.

— Deixe eu ver. Seu Cantídio, dona Veridiana, seu José Lúcio, seu Benedito Costa da Maninha, seu Zé da Neca e — pronunciou baixinho — a dona Solange Araújo.

— Ah... Dona Solange está na lista? Não sei se ouvi bem.

— Sim, Solange Araújo — respondeu Carmem, ordenando as fichas e pensando. “Bem que eu podia ser a última paciente.” — Coloquei a ficha dela por último, como sempre faço.

— Ótimo, então vamos ao trabalho.

*Vestido preto, vestido vermelho:* Solange fez o trajeto da casa ao consultório. Ao passar pelo bar, foi avistada pelos três observadores de sempre. O primeiro comentou:

— Para onde ela vai com o andar assim apressado, carregando aquele embrulho?

O segundo retrucou:

— Não parece apressada, ela parece que está é atrapalhada. E eu acho que nós já vimos aquele embrulho.



O terceiro, vendo a direção definida pela passante, decretou:

— Ela está indo é ver o doutor. Vai curar alguma dor.

Solange chegou na casa de dona Antônia trajando o vestido preto a cobrir-lhe as canelas, trazendo nos braços o tal embrulho. A penúltima paciente ainda era atendida e Carmem, sentada à escrivaninha de fórmica, lia um livro colocado sobre o colo. Entretida, não percebeu a presença de Solange.

— Lendo para a aula de literatura? — perguntou Solange. Carmem, em movimento rápido, fechou o livro e o enfiou sob uma pilha de papéis sobre a mesa. — Posso ver o livro? — voltou a perguntou Solange.

— Não, não é para a aula de português, foi presente de uma pessoa — disse Carmem.

— Eu vim direto do trabalho e não tive nem tempo de trocar de roupa. Posso usar a toalete para me trocar?

— Claro que pode, vou examinar se está tudo em ordem. — E saiu um momento da sala, tempo suficiente para Solange levantar os papéis para ver o livro camuflado. Carmem tirou os trastes da toalete e voltou para o consultório. — Agora pode entrar, está arrumado.

Solange tomou o pacote nas mãos e seguiu para o banheiro, de onde saiu trajando o vestido vermelho com uma flor azul na cintura e uma abertura lateral que mostrava as suas coxas a cada passo que dava. Carmem, olhando espantada, disse:

— Gostei da cor e da flor na cintura. Acho que quem te olhar vai apreciar. Pode entrar, que o Zé da Neca já foi atendido. Ah, na saída pode usar a toalete para trocar de roupa — ironizou.

— Obrigada, querida. Ah, apreciei muito o livro que você está lendo, entre todos os do Dalton Trevisan, esse é o que eu mais gosto, *A Polaquinha*.

Assim que Solange entrou no consultório, Carmem correu para o quarto. O doutor Ivo organizava os instrumentos e ajustava o encosto da cadeira com cuidado. Ao vê-la, derrubou as espátulas, já esterilizadas, no chão:



— Boa noite, dona Solange. Esperou muito?

— Não, doutor. Não mais do que nos outros dias — respondeu sem olhar diretamente nos olhos de Ivo.

— Não quer sentar-se? — perguntou Ivo, olhando para o vestido de Solange que mal continha as carnes da moça.

Com passos medidos Solange dirigiu-se para a cadeira. Os movimentos indicavam certa intimidade. Tudo era familiar. Os movimentos lentos de Solange não combinavam com a respiração arfante que Ivo fazia ressaltar um rubor na face. Ao sentar-se, o vestido vermelho mostrou a sua coxa, que ela demorou para cobrir, fingindo esforço, enquanto procurava uma posição na cadeira. A flor enorme na cintura atrapalhava a aproximação de Ivo, que trazia os instrumentos esterilizados.

Ivo tentava se concentrar no trabalho, mas não conseguia controlar o tremor nas mãos, o que fez que deixasse cair por duas vezes as espátulas no chão. Sem trocar uma palavra com Solange, se esmerava no tratamento da moça, que vez ou outra reclamava de uma dor com gritos curtos e agudos, ou um levantar de mãos. Ivo pediu licença, removeu a flor azul e desabotoou o vestido de Solange. Ele, trêmulo, e ela, arfante, misturaram os olhares, respirações e corpos, deixando o silêncio no seu rastro, só quebrado pelo tinir dos metais e pelo barulho da água que gotejava da torneira.

Pela janela de ferro serrado que emoldava os vidros foscos, era possível ver o vulto de Ivo, debruçado sobre Afrodite, a trabalhar calado.